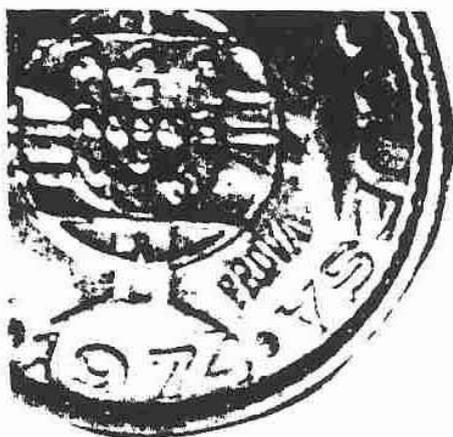


# DAS PROVAS PROVADAS E OUTRAS RARIDADES



## INTRODUÇÃO

*Em alguns dos nossos associados tem suscitado curiosidade o aparecimento, com uma certa frequência, em leilões recentes, de “Ensaios Monetários e Provas de Cunhos”.*

*De acordo com o “Dicionário de Numismática” de José Maria Folgosa (Porto, s/d c. 1966), PROVAS são os primeiros exemplares cunhados depois de aprovado determinado cunho monetário e que apresentam, por vezes, a palavra «Prova» metida a punção; ENSAIOS são peças monetárias cuja gravação representa uma expe-*

*riência, ou estudo dum cunho, podendo ser feito no metal em que a moeda circularia como em qualquer outro.*

*Quem consultar o recente “Catálogo das Moedas Portuguesas” de Alberto Gomes (Lisboa, 1996) encontrará uma abundante variedade de provas e ensaios catalogada em secções próprias no final de cada reinado ou território, e que atestam que o fabrico destas peças é muito antigo e decorria normalmente do próprio acto de criação de novas moedas, da gravação de novos retratos dos soberanos ou do estudo de novas ligas metálicas, ou seja, eram provas e ensaios directamente relacionados com uma actividade industrial.*

*A par destes ensaios e provas industriais, no decorrer deste século apareceram outras mais ligadas ao controlo monetário da circulação corrente, à fiscalização e prevenção de falsificações e, mais recentemente, à satisfação de uma procura coleccionista e comercial cada vez mais exigente.*

*Com o texto que se segue procura-se clarificar essa área de grande interesse numismático e particularmente no que diz respeito à nossa Casa da Moeda.*

## PROVAS INCUSAS OU DE POLÍCIA

Desde os primeiros anos da década de 40 que a Casa da Moeda de Lisboa começou a produzir “provas incusas” — assim identificadas por terem a palavra “PROVA” punccionada numa das faces — por razões bem diferentes das provas industriais e à semelhança do que já vinha fazendo com os diferentes tipos de moedas coloniais.

As razões para esse inovador procedimento têm muito a ver com a política de rigor financeiro introduzida por Salazar e com a passagem para o Banco de Portugal da exclusividade do lançamento em circulação das moedas metálicas portuguesas.

Como alguns dos nossos leitores devem saber, a distribuição pública das moedas metálicas era efectuada pela Casa da Moeda, por via das repartições da Fazenda e foi precisamente na década de 40 que essa função passou para o Banco de Portugal, como ainda hoje se pratica, por via da banca comercial.

Esta alteração obrigou também ao envio de amostras-padrões das moedas, que pudessem servir de termo de comparação com eventuais falsificações. Contudo, essas amostras não podiam ser moedas a sério, por razões de controlo da massa monetária em circulação. A solução encontrada foi, precisamente, a produção de moedas-prova, à semelhança do que se fazia com as notas-espécime, ou seja, amostras sem valor monetário e que foram desde então distribuídas pela banca, polícia, Interpol, etc.

As primeiras cunhagens de proas-incusas deste novo regime teve lugar em 1942 (10 e 20 centavos de bronze) e em 1943 (além daquelas anteriores, 5\$00 de prata).

Por razões que se desconhecem, estas cunhagens foram suspensas em 1943 e só retomadas no início da década de 60. Desde então e até 1986, a Casa da Moeda produziu sempre (com algumas excepções) **80 exemplares prova-punção** de cada valor, data e tipo diferente, incluindo as comemorativas, que foram sendo distribuídas à banca e à polícia e, também, generosamente oferecidas a coleccionadores.

De referir, por último, que existindo grande quantidade destas provas na INCM, foi decidido enviá-las para leilão, que teve lugar a 10 de Março de 1990 na “NUMISMA”.

## PROVAS RELEVO OU DE OFERTA

Também desde meados da década de 60, a cunhagem de moedas comemorativas começou a ganhar uma nova dinâmica, tendo surgido em 1966 a moeda da Ponte Salazar e desde 1968 as populares moedas de 50 escudos chamadas “Cabralinas”.

Foi nesse momento que a Casa da Moeda ensaiou a primeira tentativa de comercialização de moedas “prova relevo” — assim identificadas por terem a palavra PROVA em relevo no campo duma das faces — à semelhança do que se praticava noutros países da Europa do Norte (ex.: Polónia).

A não autorização pelas Finanças deste projecto resultou num verdadeiro maná colecionista: as «provas-relevo» foram sendo produzidas, mas eram oferecidas a entidades oficiais e a coleccionadores em vez de serem comercializadas.

Conforme estatísticas divulgadas pela Casa da Moeda, desde 1966 e até 1972, só foram produzidas **100 provas-relevo** das emissões comemorativas continentais e coloniais (S. Tomé, em 1970), com a excepção da moeda da Ponte de Salazar, cujas ofertas obrigaram à produção de **200 exemplares**.

Além destas são também conhecidas provas-relevo das novas moedas de \$20, \$50 e 1\$00 de bronze lançadas em 1969, **com 1.500 ex.** produzidas de cada tipo e da moeda de 10\$00 de 1971, cuja produção atingiu os **1.000 ex.**

A partir de 1974 terminou este tipo de cunhagem para oferta.

## PROVAS COMERCIAIS

Com o lançamento desde 1983 da nova e dinâmica política comercial de espécimes numismáticos — uma actividade empresarial inovadora que, como é bem do conhecimento de todos, ficou a dever-se ao esforço, dedicação e competência do nosso associado Eng.º António Miguel Trigueiros — a INCM lançou-se também à conquista dos mercados coleccionadores internacionais, defrontando a feroz concorrência das mais aguerridas Casas da Moeda estrangeiras.

Para fazer face ao crónico atraso nacional na aprovação e publicação dos diplomas que autorizam a cunhagem das moedas comemorativas e dos seus espécimes numismáticos e assim dispôr de amostras dos seus produtos a tempo e horas nos mercados mundiais, a INCM começou a produzir ensaios e provas das suas moedas, para distribuição pelos cerca de 10 agentes e distribuidores estrangeiros.

Destas encontram-se referenciadas várias no catálogo de A. Gomes, desde 1984/85, umas vezes marcadas a punção, outras vezes em relevo, quer nas moedas de cupro-níquel quer nos espécimes de prata BNC e prata Proof.

Esta prática esteve em vigor até 1995, ano em que foi suspensa, segundo fomos informados.

Do conjunto destas provas e ensaios, ficou-nos um legado numismático de real valor histórico, industrial e colecionista, uma colecção rara e difícil de completar e por isso mesmo em permanente valorização.